

Adaptações cinematográficas e obras literárias sob a ótica dos leitores-espectadores do ensino fundamental II
Cinematographic adaptations and literary works under the optics of readers-spectators of fundamental education II

Juçara Moreira Teixeira¹

Celia Abicalil Belmiro²

Recebido em: 30/08/2017

Aprovado em: 06/05/2019

Publicado em: 30/07/2019

Resumo: Este artigo objetiva analisar o discurso de estudantes do Ensino Fundamental II sobre adaptações cinematográficas de obras literárias, em contextos de ensino-aprendizagem da leitura das linguagens verbal e cinematográfica. Esta pesquisa fundamenta-se em McFarlane (1996) e Diniz (2005) para abordar o processo de tradução/transposição intersemiótica da literatura para o cinema; em Benjamin (2011), para tratar do conceito de tradução; e em Belmiro & Maciel (2014) e Cosson (2014), que discutem os espaços do literário na contemporaneidade e a formação de leitores. O estudo aponta um cenário complexo, no qual se constata a sobredeterminação de linguagens e a necessidade de desvelar formas mais produtivas de pensar, no contexto escolar, adaptações cinematográficas em relação às obras literárias das quais se originaram.

Palavras-chave: Adaptação; literatura; cinema; mediação.

Abstract: This paper aims to analyze the discourse of students of Elementary School II on cinematographic adaptations of literary works, in contexts of teaching and learning the reading of verbal and cinematographic languages. This research is based on McFarlane (1996) and Diniz (2005) to approach the intersemiotic translation / transposition process of literature for cinema; In Benjamin (2011), to deal with the concept of translation; And in Belmiro & Maciel (2014) and Cosson (2014), who discuss the literary spaces in contemporary times and the formation of readers. The study points to a complex scenario in which the overdetermination of languages and the need to reveal more productive ways of thinking in the school context, cinematographic adaptations in relation to the literary works from which they originated.

Keywords: Adaptation; literature; cinema; mediation.

1. Professora de Língua Portuguesa do Centro Pedagógico, Colégio de Aplicação da UFMG. Mestre em Letras. Doutoranda em Educação-FAE - UFMG. ORCID: 0000-0003-0048-0916 E-mail: jucaramoreirateixeira@gmail.com

2. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – UFMG. Pós-doutorado na University of Cambridge-UK. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita CEALE/UFMG. ORCID: 0000-0002-9895-7550 E-mail: celiaabicalil@gmail.com

INTRODUÇÃO

Diferentes mídias vêm oferecendo um importante diálogo entre linguagens, seja verbal, visual, sonora, sendo esta uma tendência comum na contemporaneidade. Em se tratando de literatura e cinema, duas artes e linguagens que estão constantemente em diálogo, essa relação é antiga e remonta aos primórdios do cinema. No seu início, o cinema se pautou na literatura para construir suas narrativas, realizando variadas adaptações de obras literárias já consolidadas pelo público. Ainda hoje, no século XXI, esse fenômeno permanece e tem adquirido diferentes feições, dada a multiplicidade de mídias e de possibilidades de produção e veiculação das produções simbólicas.

É recorrente a produção de filmes baseados em *best-sellers*, os quais atraem grandes públicos, como o filme homônimo baseado no livro “A culpa é das estrelas”, de John Green, muito apreciado pelos leitores jovens; também tem sido comum a recriação dos contos de fadas e dos contos maravilhosos, que adquirem uma nova roupagem nas produções cinematográficas contemporâneas, como o são as adaptações fílmicas “Deu a louca na Branca de Neve”, “Para sempre Cinderela” e “Enrolados”. Além disso, costuma ocorrer também o fenômeno inverso, isto é, de produção de livros baseados em roteiros de filmes, bem como outras formas de adaptação que não se restringem à relação literatura-cinema, como é o caso de filmes baseados em jogos de *videogame*, em músicas (como “Faroeste Caboclo”), de livros baseados em programas ou personagens de TV, revelando, assim, um movimento de retroalimentação das artes e dos diferentes sistemas semióticos.

Neste contexto, considera-se que o estudo das adaptações cinematográficas baseadas em obras literárias se torna relevante, sobretudo do ponto de vista da recepção, isto é, a partir da perspectiva de seus leitores e espectadores reais. Desse modo, o trabalho aqui proposto objetiva apresentar parte de uma pesquisa em andamento cujo tema é a compreensão dos alunos do Ensino Fundamental II a respeito das relações literatura-cinema no contexto de estudo das adaptações cinematográficas.

A partir de um recorte da pesquisa de campo realizada, pretende-se discutir e analisar o discurso de estudantes do Ensino Fundamental II sobre adaptações cinematográficas de obras literárias, em contextos de ensino-aprendizagem da leitura das linguagens verbal e cinematográfica.

Este trabalho baseia-se em estudos sobre tradução intersemiótica, isto é, a tradução de um meio semiótico para outro, em um processo interdiscursivo e intertextual, para relacionar adaptações cinematográficas/textos literários e refletir sobre os sentidos

atribuídos pelos espectadores-leitores. Para tal, fundamenta-se em Benjamin (2011), Diniz (2005) e McFarlane (1996). Para abordar os espaços do literário na contemporaneidade e a formação de leitores, baseia-se em Cosson (2014) e Belmiro & Maciel (2014).

Diálogos entre literatura e cinema

A discussão sobre as inter-relações entre as artes visuais e a literatura e os diferentes espaços ocupados pela literatura na contemporaneidade tem propiciado um diálogo profícuo a respeito da relação entre seus distintos sistemas semióticos.

Belmiro e Maciel (2014) fazem uma importante discussão a respeito dos lugares ocupados pela literatura, do atravessamento de outras mídias e das novas configurações da arte literária, questões que levam a refletir sobre outros possíveis espaços ocupados pela literatura, suas transformações e formas de apropriação pelos leitores.

Na mesma linha de estudos, situa-se Cosson (2014), que também discute os espaços ocupados pela literatura nas produções artísticas atuais. O autor afirma que a literatura, tomada em sentido amplo, “estaria em nossos dias experimentando uma nova forma de alargamento ao ser difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística” (p.15), ou seja, ela pode-se fazer presente em outras artes, como no cinema, na canção popular, nas histórias em quadrinhos, na literatura digital etc.

Esse posicionamento revê a concepção de que a literatura estaria se extinguindo e propõe uma visão ampla do literário, concebendo-o como algo que se manifesta para além do livro. Nessa perspectiva, o literário ocupa espaços variados: o impresso, o audiovisual, o musical, o oral, não se reduzindo ao seu meio tradicional de difusão.

Ao discutir a presença do literário nas adaptações cinematográficas, Cosson (2014) esclarece como ele se manifesta:

O literário do filme é, portanto, essa interpretação feita com base no roteiro, mas que não se reduz a ele, antes compõe um todo junto com outros elementos, daí receber a denominação de filme. Essa condição literária fica mais clara quando ocorre a transposição de um romance para a tela. (COSSON, 2014, p. 17)

Nesse sentido, o literário está presente no cinematográfico e sua relação se faz explicitamente nas adaptações, sendo um modo de interpretar a obra. Além disso, ele

pode se manifestar também pela permanência da ficcionalidade e da construção da narrativa, sendo outro ponto de contato entre literatura e cinema.

Segundo Diniz (2005), as adaptações cinematográficas de obras literárias são um fenômeno antigo de relação produtiva entre literatura e cinema, que remonta ao início do cinema. Ela ressalta que “... a prática de transformar uma narrativa literária em narrativa fílmica espalhou-se a ponto de boa parte dos filmes ter atualmente, como origem, não um *script* original, criado especialmente para o cinema, mas uma obra literária” (p. 13).

As aproximações entre as artes e suas linguagens se faz explicitamente, mas tanto apresenta pontos de contato quanto distanciamentos significativos inerentes ao sistema semiótico que as constitui.

Para tratar dessa relação, McFarlane (1996) afirma que, na transposição da literatura para o cinema, é preciso fazer uma distinção básica entre os elementos que podem ser transferidos de um meio narrativo para outro e aqueles que, dada a distinção dos meios semióticos, exigem uma adaptação adequada ou “adaptação criativa”¹:

'Transfer' será usado para denotar o processo pelo qual certos elementos narrativos de romances são revelados como suscetíveis de serem exibidos no filme, enquanto o termo amplamente utilizado 'adaptação' se referirá ao processo pelo qual outros elementos novelísticos devem encontrar equivalências completamente diferentes na mídia fílmica, quando tais equivalências são procuradas ou estão disponíveis.” (MCFARLANE, 1996, p.13, tradução livre)²

Ele entende que a adaptação cinematográfica seria a composição de elementos transferidos e elementos adaptados. No processo de transposição do romance para o filme, há os elementos facilmente transferíveis – relativos ao enredo, e os elementos adaptáveis (“adaptação criativa”), relacionados à construção do discurso; a “adaptação criativa” (*adaptation proper*) exige uma busca por signos que tenham a mesma função discursiva, cujo processo se faz por meio do conceito de equivalência, e não de igualdade, haja vista serem sistemas semióticos distintos. Alinha-se, portanto, à perspectiva de Jakobson (2003) que, em sua teoria da tradução, concebe a equivalência como um trabalho criativo, de modo a captar a ideia de um sistema e recriá-la em outro.

¹ O conceito “Adaptation Proper” foi traduzido por Diniz (2005) como “adaptação criativa”.

² “‘transfer’ will be used to denote the process whereby certain narrative elements of novels are revealed as amenable to display in film, whereas the widely used term ‘adaptation’ will refer to the process by which other novelistic elements must find quite different equivalences in the film medium, when such equivalences are sought or are available at all..

Para embasar sua proposta teórica sobre o processo de *transferência* e *adaptação criativa* na adaptação fílmica, McFarlane apropriou-se dos conceitos de *narrativa*, *narração*, *enunciado* e *enunciação*, da teoria literária e da linguística, respectivamente.

A narrativa está intimamente ligada ao conceito de história, o que para os formalistas russos é *fábula*, isto é, uma história material como uma sequência cronológica pura; o conceito de *narração* vincula-se ao de *discurso*, isto é, a trama arranjada e editada pelo contador de histórias, conforme experimentada pelo público leitor.

Baseado em estudos enunciativos, McFarlane considera que a compreensão da adaptação deve pressupor a análise da *enunciação*:

Nem o filme nem o romance são "transparentes", por mais que busquem suprimir sinais de sua enunciação, sendo essa "supressão" muito mais acentuada no caso do filme. (...) Metz escreve que "os filmes nos dão a sensação de que estamos presenciando quase um espetáculo real". A enunciação cinematográfica, em relação à transposição de romances para a tela, é uma questão de adaptação propriamente dita, não de transferência (MCFARLANE, 1996, p. 20, tradução livre)³

O autor enfatiza a discursividade das obras literária e cinematográfica, as quais repercutem influências culturais, sociais, históricas e ideológicas, bem como marcas dos enunciadores, não sendo, portanto, transparentes. Na adaptação do romance para a tela, esses elementos precisam ser traduzidos por meio da *adaptação criativa*, não sendo passíveis de simples *transferência*. Reside aí a complexidade da adaptação, que precisa transpor os aspectos discursivos/enunciativos do romance para o filme, utilizando os signos próprios da linguagem cinematográfica.

O entendimento apropriado da adaptação passa pela compreensão desses elementos, os quais conferem individualidade à obra traduzida. Desse modo, a perspectiva da busca pela fidelidade do filme ao livro se centra apenas nos elementos facilmente transferíveis, ou seja, os elementos da *história*, da *fábula*, e abandona os elementos da *narração*, do *discurso*, da *enunciação*, os quais expressam o trabalho reflexivo e autoral do cineasta e a especificidade do meio semiótico no qual foi construído.

Nesse sentido, a *transferência* enfoca aqueles elementos da obra-fonte que são transferíveis porque não estão relacionados a um outro sistema semiótico, pois são essencialmente narrativa, ou seja, referem-se aos fatos da narrativa, isto é, "o que

³ "Neither film nor novel is 'transparent', however much either seeks to suppress signs of its enunciation, such 'suppression' being much more marked in the case of film. (...) Metz writes 'films give us the feeling that we are witnessing almost a real spectacle'. Film enunciation, in relation to the transposition of novels to the screen, is a matter of adaptation proper, not of transfer."

aconteceu?”. (MCFARLANE, 1996, p.20). Esse é um ponto comum entre o cinema e a literatura, mas também entre diferentes sistemas semióticos que constroem narrativas, pois são elementos cuja relação é narratológica.

A *adaptação criativa* abrange o nível do discurso e refere-se a “como aconteceu?”, concentrando-se, portanto, naqueles elementos que envolvem processos complexos de adaptação porque seus efeitos são próprios do sistema semiótico ao qual pertencem, ou seja, a *enunciação* de cada sistema. (p.20). O autor afirma que “Por enunciação, quero dizer todo o aparato expressivo que governa a apresentação - e recepção - da narrativa⁴” (p.20); são, portanto, elementos que trazem a marca da autoria.

Entretanto, o fato de haver os elementos que são facilmente transferíveis não significa necessariamente que serão transferidos do mesmo modo, pois, por se tratar também de uma relação intertextual, abre possibilidades de criação por parte do cineasta, evidenciando, assim, que pode haver criação no processo de “transferência”.

Desse modo, poderá acontecer o que Diniz traduziu, a partir do estudo de Levevere, como “retroversão”, isto é, “movimento efetuado pela tradução, que, além de sofrer transformação causada pela força do original, também efetua uma transformação no próprio original. (Lefevere).” (DINIZ, 2005, p.32). Esse movimento de *retroversão* pode ocorrer na narrativa da adaptação fílmica pela alteração de alguns elementos como: redução/eliminação de personagens, alteração no enredo, na psicologia e no comportamento dos personagens, inversão dos fatos ou das personagens que os vivenciam etc.

Os movimentos de *retroversão* demonstram a complexidade e a riqueza do processo de adaptação, pois possibilitam diferentes incursões e olhares para a obra literária a ser adaptada. Cada adaptação constitui-se em uma leitura da obra literária, e cada movimento criativo ao se construir o filme mostra que a obra literária possibilita diferentes interpretações, como assim são distintos seus leitores.

Desse modo, a teoria da adaptação como tradução intersemiótica proposta por McFarlane (1996) é muito relevante para o estudo em questão, por considerar tanto as aproximações quanto os distanciamentos existentes entre literatura e cinema, por conceber a adaptação como um processo de tradução entre sistemas semióticos distintos e como diferentes leituras da obra literária com a qual se encontra em relação. Consequentemente, ter uma obra de origem não inviabiliza a noção de autonomia das

⁴ “By enunciation, I mean the whole expressive apparatus that governs the presentation – and reception – of the narrative.”

obras, como obras distintas, sendo apenas a ideia de “obra literária fonte” uma das possibilidades de leitura e análise do filme.

A pesquisa de campo

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública de Belo Horizonte e contou com a participação de duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II e seus professores de Língua Portuguesa, Arte e Geografia.

A escolha pelo 9º ano do Ensino Fundamental II se justifica pelo fato de, nesse nível de ensino, os alunos terem vivenciado experiências de ensino variadas em seu processo de escolarização e assim terem um nível de letramento que lhes permita ler e interpretar com autonomia diferentes produções textuais em diferentes linguagens.

A pesquisa foi realizada em três etapas, a saber: aplicação de questionário fechado, para conhecer as práticas culturais dos estudantes no referente aos usos da literatura e do cinema; realização de aulas em que se propôs a interação entre as obras literária e cinematográfica; e entrevistas semiestruturadas em grupos de 5 a 10 alunos. Optou-se por centrar esta apresentação na análise dos questionários e dos discursos dos estudantes de uma turma, os quais serão relacionados para melhor compreensão do tema estudado.

Primeiramente, foram aplicados dois questionários de múltipla escolha, contendo perguntas a respeito das práticas escolares e não escolares dos estudantes no referente ao contato com a literatura e o cinema. Buscou-se compreender como os estudantes se relacionam com o livro e o filme em sua vida cotidiana e na escola, bem como suas visões sobre as adaptações cinematográficas; posteriormente, esse conhecimento foi relacionado aos seus discursos, numa proposta analítica contextualizada que possibilite compreender a complexidade dos discursos em relação a seus contextos social e histórico.

Em entrevista concedida pelas professoras de Língua Portuguesa e pelos alunos, foi possível conhecer o trabalho de literatura realizado na escola. A escola realiza um trabalho sistemático de leitura literária, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo prática comum a indicação de obras literárias pelos professores para realização de trabalhos e provas. A exploração da literatura se concentra, em grande parte, nas aulas de Língua Portuguesa.

A experiência com filme é mais abrangente por ser trabalhado em diferentes disciplinas, inclusive em Língua Portuguesa. De acordo com o relato dos estudantes, o

filme costuma ser abordado com o objetivo de ampliar/esclarecer a discussão de algum tema estudado, sobretudo nas disciplinas de Geografia, Filosofia e História; na disciplina de Português, o filme é abordado na perspectiva do trabalho com gêneros textuais, sendo que a atividade considerada mais significativa pelos estudantes é a realização de trabalhos que exploram a estrutura narrativa do filme e os elementos textuais da ficha técnica e da sinopse.

Na disciplina de Geografia, em especial, o relato de alunos e docente indica o trabalho permanente com filmes relacionados ao conteúdo estudado; uma novidade da proposta da professora de Geografia foi a realização de uma tarefa em que os alunos assistiram a um filme e leram um livro em quadrinhos sobre Che Guevara, sinalizando uma proposta de ensino que aborda a relação literatura-cinema.

O contato dos alunos com a análise da linguagem cinematográfica e/ou produção de filmes ocorreu na disciplina de Arte, na qual alguns mencionam ter estudado animação, embora superficialmente; além disso, alguns estudantes também realizaram oficinas sobre cinema, nas quais assistiam e comentavam filmes; no entanto, essas práticas não foram muito recorrentes nesta turma pesquisada.

Vê-se assim que o trabalho com a literatura ocorre de modo mais sistemático e é incentivado na escola. O tratamento dado ao cinema se faz de modo pulverizado, sem uma regularidade de estudo, além de se centrar no estudo do enredo e na utilização de filmes como formas de compreender e aprofundar determinados conteúdos disciplinares.

Os questionários

Para conhecer a frequência com os estudantes leem livros e assistem a filmes, foi-lhes aplicado um questionário⁵ que versava sobre o contato com a literatura e com o cinema. Algumas respostas podem ser observadas a seguir.

QUADRO 1

Livros lidos nos últimos três meses

Alternativas	9º ano
Um livro	11 alunos
Dois livros	7 alunos
Três ou mais livros	3 alunos
Nenhum livro	4 alunos

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

⁵ O questionário foi elaborado a partir do modelo da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" (2015). Entretanto, a pesquisa analisa as práticas de leitura em geral e em nesta pesquisa o enfoque é dado à leitura literária.

QUADRO 2

Motivo da leitura

Alternativas	9º ano
Por obrigação escolar	18 alunos
Por iniciativa própria	5 alunos
Porque meus pais obrigam	1 aluno
Não lê	1 aluno

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

A questão “Nos últimos três meses, quantos livros de literatura inteiros ou em partes você leu?” (Quadro 1) objetivou conhecer o hábito de leitura literária, com enfoque para a experiência mais recente; no quadro 2, o objetivo era conhecer o motivo pelo qual os estudantes leram nos últimos três meses, sendo que este resultado se relaciona ao anterior e o esclarece. Embora a maioria dos estudantes leia obras literárias, a leitura ocorre por obrigação escolar ou familiar, além da existência de um aluno que não lê obras literárias.

Quando se trata da experiência como espectador de filmes, a pergunta “Você costuma assistir a filmes?” (Quadro 3) resultou em um número alto de “Sim” e “Às vezes”, não sendo encontrada nenhuma resposta negativa, o que mostra a presença intensa da linguagem cinematográfica na vida dos estudantes.

QUADRO 3

Hábito de assistir a filmes

Alternativas	9º ano 1
Sempre (no mínimo um filme a cada uma ou duas semanas)	16 alunos
Às vezes (um filme uma vez ao mês)	9 alunos
Nunca (Não vê filmes)	0

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

Devido ao objetivo geral da pesquisa, duas perguntas pretendiam averiguar a visão dos alunos a respeito de obras literárias traduzidas para o cinema e os conceitos de fidelidade e originalidade das obras literárias e cinematográficas quando ocorre a tradução da literatura para o cinema.

QUADRO 4

Relação filme-livro

Alternativas	9º ano 1
Sim, qualquer que seja o filme que eu tenha assistido.	-
Às vezes, depende da qualidade do filme que eu assisti.	16 alunos
Não, nunca me interesseo.	9 alunos

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

QUADRO 5

Relação livro-filme

Alternativas	9º ano 1
Sim, qualquer que seja o livro.	10 alunos
Às vezes, depende da qualidade do livro que eu li.	13 alunos
Não, nunca me interesseo.	2 alunos

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

A decorrência das respostas apresentadas nos quadros 4 e 5 é a compreensão de que a leitura do livro, em sua maioria, está condicionada à qualidade do filme, sendo que não se cogita ler o livro independentemente da qualidade do filme (quadro 4), mas o contrário é aceito, ou seja, eles consideram a possibilidade de ver qualquer filme independente da qualidade do livro (quadro 5).

Ainda de acordo com os quadros 4 e 5, a maioria dos estudantes, em ambas as turmas, escolheu a opção que condiciona a escolha por ler o livro e assistir ao filme conforme a qualidade da obra com a qual ele teve o primeiro contato, ou seja: se o filme for bom, talvez o livro seja; se o livro for bom, talvez o filme seja. Essa escolha revela uma visão de relação de dependência total das obras, uma determinando a outra, sem reconhecer que cada obra, literária e cinematográfica, possui sua especificidade.

No quadro 4, no qual se pergunta se o aluno leria o livro após ver o filme, nove (9) alunos marcaram a opção “Não, nunca me interesseo”, revelando certo desinteresse pela literatura e maior apreço pelo cinema. Contrariamente, no quadro 5, quando se trata de ver o filme após ler o livro, 10 (dez) alunos marcaram que veriam qualquer que fosse o filme, demonstrando maior interesse pelo cinema. Os alunos que escolheram essa opção são os que, em outras opções relativas às práticas de leitura, afirmam ler por obrigação ou não gostar de ler. Observa-se que a maioria lê por obrigação, mas ainda assim há a prática da leitura literária e o contato com essa linguagem.

Quando se trata de cinema, há interesse dos estudantes pelos filmes, mas ocorrem algumas divergências quando literatura e cinema são colocados em relação mais estreita, no caso da análise das adaptações cinematográficas.

De modo geral, o que se observa é uma relação conflituosa entre a literatura e o cinema: a primeira é componente curricular obrigatório e de importância nos documentos oficiais e nas escolas brasileiras; o segundo ainda figura pouco nos meios escolares e nos documentos oficiais, embora a Lei nº. 13.006 obrigue a exibição mensal de um filme nacional na escola.

No entanto, a maioria dos alunos, em suas preferências cotidianas, valoriza o filme e o coloca no espaço do prazer; à literatura, embora desejada por alguns, está reservado o espaço de cumprimento de tarefa escolar. Instaura-se, assim, a questão dos espaços ocupados por cada arte/linguagem na vida dos alunos e sobre a aproximação possível entre literatura e cinema nas adaptações.

As estratégias de exploração de filmes nas escolas têm mostrado, em geral, que a preocupação dos professores se adequa aos interesses de sua disciplina, tratando mais seus conteúdos do que propriamente a linguagem cinematográfica, como apontaram os estudos de Duarte (2009), Napolitano (2005) e Moran (1995).

A leitura de diferentes gêneros textuais e também a leitura de textos literários ocupam um espaço privilegiado nos documentos oficiais e nos currículos escolares, assim como, pelas entrevistas dos professores, constatou-se que a literatura é um importante objeto de ensino-aprendizagem na escola; entretanto, as respostas ao questionário sugerem que a leitura de literatura se constitui um dever, revelando assim lacunas no trabalho com o texto literário que não consegue atingir a maioria dos alunos.

Quando se trata de filmes, ocorre o inverso, pois essa linguagem não tem tradição escolar, embora historicamente a escola tenha-se servido deles, muitas vezes inadequadamente. No entanto, os estudantes os apreciam e consideram que ocupam um espaço importante em sua formação. Segundo Duarte (2009) “embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento, (...) pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes mais “nobres”. (DUARTE, 2009, p.70-71)

As considerações de Duarte (2009) explicam parte do que se constatou nas respostas dos estudantes pesquisados, mas também suscita questões que se intenciona responder neste texto, ainda que parcialmente: como os estudantes estabelecem a relação cinema-literatura?; qual a visão dos alunos sobre cada uma dessas artes/linguagens e seus espaços/usos no meio escolar?

Uma proposta de atividade

Nesta seção, será apresentado o relato de uma oficina realizada com os estudantes, na qual se objetivou estabelecer uma relação entre a literatura e o cinema. O propósito foi conhecer suas aprendizagens a respeito de cada um desses sistemas semióticos e suas compreensões a respeito do fenômeno da adaptação cinematográfica, um dos espaços onde literatura e cinema se encontram.

Uma das etapas da pesquisa consistiu na realização de oficinas de leitura literária e fílmica com as turmas pesquisadas. Para isso, uma primeira versão da proposta de atividade foi elaborada, apresentada e discutida com professoras de Língua Portuguesa e Arte, e que resultou numa versão conjunta definitiva.

Decidiu-se que a turma leria o livro “O menino no espelho”, de Fernando Sabino e, em seguida, assistiria ao filme homônimo, do diretor Guilherme Fiúza Zenha. Os estudantes tiveram um (1) mês para lerem o livro e, na data marcada, a professora realizou um debate com a turma, guiando-se pelo roteiro previamente preparado.

Nas aulas seguintes, foi exibido o filme “O menino no espelho” e a mediação do debate foi feita pela professora de Arte, em parceria com a professora de Português. Tomou-se o cuidado de exibi-lo e discuti-lo no mesmo dia, para assim garantir a qualidade do debate; conseqüentemente, foi preciso dialogar com os professores de outras disciplinas e solicitar-lhes a disponibilização do seu horário de aula. As atividades foram gravadas em áudio e vídeo, para posterior análise. Neste trabalho, não serão enfocadas as cenas de aula, por não ser este o objetivo.

Nos dias subsequentes às aulas sobre o livro e o filme “O menino no espelho”, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos, organizados em grupos de cinco integrantes. As perguntas versavam sobre as práticas de leitura literária dos alunos, o contato com os filmes em contexto escolar e não escolar e suas apreciações a respeito da experiência realizada nas oficinas de literatura e cinema, com ênfase para a relação literatura-cinema e a adaptação cinematográfica. A seguir, serão apresentados alguns trechos da entrevista, para responder aos seguintes questionamentos: a. Como os alunos compreendem as adaptações cinematográficas de obras literárias?; b. Quais os sentidos atribuídos pelos espectadores-leitores à literatura e ao cinema? E às adaptações?; c. Como se constrói a relação literatura-cinema quando se trata de adaptações?; d. Ocorre uma sobredeterminação de linguagens?

Análise dos dados

As entrevistas realizadas tiveram uma duração média de trinta minutos, o que resultou em um *corpus* amplo para análise. Diante disso, foram selecionados trechos de duas entrevistas realizadas, a fim de responder às questões propostas neste trabalho. Os enunciados considerados de maior relevância discursiva estão destacados em negrito e agrupados conforme as temáticas abordadas, cuja análise se fará posteriormente.

A - Compreensão das adaptações cinematográficas de obras literárias

Dos trechos das duas entrevistas apresentadas anteriormente, foram destacados alguns enunciados que cooperam para uma compreensão mais aprofundada acerca da concepção dos estudantes sobre as adaptações cinematográficas de obras literárias.

- “mas eu achei que **não tem nada a ver** ... só o nome é igual e o nome do personagem principal praticamente assim ... eu fiquei decepcionada”
- “Eu não gostei porque eu acho que **fugiu muito da história do livro** ... deixou ... **não colocou NADA ... tava tudo trocado** ...”
- “(...) claro que teve algumas coisas que né ...ele tirou do livro certo ... mas tinha outras coisas que nem tinha ... os personagem ... os nomes trocado”
- “(...) mas esse ele num fez ele tipo **não mostrou quase nada do livro sabe?** ... e quando mostrou ... **mostrou tudo tipo errado** ... o irmão dele no livro é mais velho ... ele tava mais novo no filme ...”
- “Ah não ele tinha maior relação boa com o reflexo dele ... colocou como que o reflexo volta ... ninguém descobre o reflexo dele ... a parte mais legal ...”

Observa-se que os alunos concebem a adaptação como cópia infiel do livro lido, sentindo-se profundamente incomodados com a recriação da obra pelo cineasta. Os casos de “retroversão”, isto é, quando ocorrem mudanças na ordenação do enredo, no nome dos personagens, na psicologia dos personagens etc. são vistos como “algo errado”, pois, para eles, o correto seria seguir a obra literária.

Neste contexto, constata-se que há uma valorização da narrativa literária, em detrimento da narrativa cinematográfica, a qual é vista como uma cópia, e não como obra

autônoma. Os estudantes sentem dificuldade em observar as relações de intertextualidade que ocorrem na retroversão e de concebê-las como a presença de outra autoria na busca por criar uma outra obra, em outra semiose, em outra linguagem.

B. Relação literatura-cinema nas adaptações cinematográficas

Nos enunciados a seguir, destaca-se o ponto de vista dos alunos a respeito da literatura e do cinema, no contexto de análise das adaptações cinematográficas.

- “todos ... pra mim ... na minha opinião ... quando tem tipo assim ... filme que é baseado em livro ... **pra mim os filmes ((quis dizer livros)) são melhores do que o filme ... porque eu acho que tem mais detalhe e tal** ... todos que eu li o livro e vi o filme depois ... eu gostei mais do livro do que do filme ... mas eu não sei se são todos ... pra mim são a maioria ...”
- “então **não dá pra colocar todos os detalhe que têm numa literatura né? ... é que a literatura nesse caso de detalhes é melhor ...**”
- “ficaria porque num livro ... eu gosto de ler o livro porque ... eu prefiro ler um livro que ver um filme porque **no livro cê consegue imaginar muito mais coisa do que num filme** ... só que por exemplo .. **se ocê lê um livro... imagina um monte de coisas como é que era aquilo ... e o livro ... o filme vem como se fosse uma realidade ... é muito melhor porque você vai tá ali literalmente vendo aquilo que aconteceu ... entendeu? ... então é muito legal que seja parecido ... bem parecido”.**
- “por causa que **no filme é geralmente tudo resumido** sabe?”
- “eu acho que eu ia ler mais assim mais rápido ... eu não ia ler com calma ... não é rápido ... mas tipo assim eu ia só passar o olho ... ia ter um desinteresse maior ... **é como se eu tivesse lendo alguma coisa mas já sabia o final**”
- “não ... eu acho que quando o filme costuma ser bom ... assim ... e tem o livro do filme eu acho que eu me interesse porque... **no livro tem mais detalhes e aí cê já vai ter visto o filme ... aí cê já vai imaginar o personagem no filme ... o personagem que ficou no filme**”
- “um filme é uma hora ... então ele tem que resumir tudo ... um negócio que cê lê em três quatro dias ... cê vai ler em uma hora? ... então ... ((corrigindo)) vai ver em uma hora? ... então é muito resumido ... só que esse tipo ... **ele resumiu tanto que não mostrou nada do livro sabe? ... aí por isso que eu não gostei** “

- “PQ: Ah se você tivesse visto o filme primeiro e fosse pra ler o livro depois cês não leriam?

Alunos: não

C: Não ... **porque eu ia achar que o filme é um resumo do livro** ... o livro cê gasta bem mais tempo pra ver do que o filme ... cê fica bem mais tempo com o livro te enchendo o saco ... se ele for ruim”

Ao ler o livro e em seguida assistir ao filme, os alunos manifestam impressões que colocam a literatura em um *status* superior ao cinema. Eles acreditam que o discurso literário é mais rico em detalhes, valendo-se disso para justificar a qualidade da obra literária em relação à obra cinematográfica.

Parece haver uma incompreensão sobre os aspectos específicos da linguagem cinematográfica, cujos detalhes, sobre os quais falam os alunos, se apresentam por meio do *mostrar* – conforme aponta Linda Hutcheon (2013), os quais requerem uma postura ativa do espectador para perceber e significar o que aparece na tela; entretanto, os alunos não se atêm a essas diferenças específicas de cada linguagem, sempre acostumados a seguir principalmente as ações dos personagens. Desse modo, parece que realizam essas relações entre literatura e cinema de modo intuitivo, não lhes sendo familiar a construção de uma análise mais aprofundada sobre as especificidades de cada arte e sua linguagem.

Ao dizer que o filme é resumido, eles analisam apenas o enredo do filme, sem se aperceberem das minúcias da linguagem que se fazem por meio da imagem, do som e do tratamento dados às categorias de tempo e espaço. Eles concebem o filme como obra de segunda categoria quando este é relacionado ao livro que lhe deu origem.

Outro aspecto que explicita a formação estética dos estudantes pode ser observado na fala do aluno que diz não se interessar em ler o livro após ver o filme, porque já saberá a história e o final da história. Novamente, a preponderância do enredo se manifesta na apreciação do filme, sem uma reflexão mais aprofundada a respeito das diferenças entre a constituição semiótica das obras, independentemente da fabulação.

Ao relacionar o discurso dos alunos às suas respostas aos questionários fechados, pode-se constatar que há conflito na formação de seu ponto de vista, pois eles afirmam assistir a muitos filmes e ter prazer nesta atividade, entretanto, a leitura de obras literárias é feita majoritariamente por obrigação e, se comparada ao filme, parece-lhes menos interessante. O enunciado em que o aluno diz ser desinteressante ler o livro após ver o

filme, caso este seja ruim, indica essa relação: “Não ... porque eu ia achar que o filme é um resumo do livro ... o livro cê gasta bem mais tempo pra ver do que o filme ... cê fica bem mais tempo com o livro te enchendo o saco ... se ele for ruim”. O aluno não cogita a possibilidade de ler o livro caso o filme seja ruim, pois prende-se ao enredo, e não à experiência estética que cada obra propicia.

Por outro lado, o trabalho rotineiro com a literatura na escola reverbera na análise que fazem da obra cinematográfica adaptada, pois os estudantes valorizam o livro em comparação ao filme, embora sua análise literária se restrinja também ao enredo, sendo esta uma outra lacuna de formação.

Nesse contexto, a adaptação cinematográfica é compreendida como cópia infiel do livro; ao falar sobre a especificidade do cinema, na tentativa de evidenciar uma compreensão de que literatura e cinema são artes distintas (eles parecem sentir isso, embora não tenham elementos suficientes para explicar), os estudantes recaem no discurso de sobredeterminação da linguagem literária em relação à linguagem do cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises das falas dos alunos, constatou-se que eles se concentram nos primeiros elementos da adaptação – os elementos ‘transferíveis’ – e revelam dificuldade em compreender as questões relativas ao discurso da literatura e do cinema e à tradução entre as semioses que se faz por meio da “adaptação criativa”. Eles restringem a análise da obra literária e da obra cinematográfica ao estudo da fabulação, revelando dificuldades de compreendê-las como discurso construído por um sujeito situado social, histórica e culturalmente.

Seus discursos revelam também uma incompreensão do literário que perpassa o filme, ou seja, de compreender que a adaptação estabelece uma relação intertextual e interdiscursiva com o livro e que ela é “uma interpretação do texto escrito”, conforme apontado por Cosson (2014, p.17).

Em relação às adaptações cinematográficas, os alunos mostram-se resistentes a alterações feitas por meio da tradução intersemiótica, rejeitando a proposta que rompe com a ordem de enredo do livro já pré-estabelecida e que faz diferentes “retroversões”. Segundo Diniz, a “retroversão” não é mera repetição, mas uma nova obra, recriada e repensada e que pode ser significativo se ele ampliar e intensificar a leitura da obra.

Os alunos demonstram dificuldade em lidar com as diferentes interpretações (sua expectativa *versus* a realidade da obra adaptada) e recriações, retroversões

(redução/eliminação de personagens, alteração no enredo, na psicologia e no comportamento dos personagens, inversão dos fatos ou das personagens que os vivenciam) feitas pela obra adaptada, assim como de compreender as “adaptações criativas” (MCFARLANE, 1996), como a representação de pensamentos e sentimentos por meio de ações, expressões faciais e falas de personagens, a descrição explicitada na composição dos personagens e no cenário etc.

McFarlane (1996) esclarece que a insatisfação do espectador diante da obra traduzida (adaptada) é originada de um desconhecimento a respeito do funcionamento da narrativa em cada sistema semiótico, isto é, de saber o que pode ou não ser transferido de um sistema para o outro. A incompreensão desse processo é a origem das insatisfações a respeito do que se considera ser a não fidelidade à obra original, a sua violação e, portanto, uma traição. Elimina-se, assim, a oportunidade de se fazer uma leitura renovada da nova produção e apreciar suas transformações.

Desse modo, o equívoco da discussão sobre fidelidade reside no fato de que o que está em curso é a visão do leitor/espectador em conflito com a visão do cineasta. Cada produção fílmica traduzida de uma obra literária revela uma subjetividade de quem a criou, assim como as leituras das obras literárias são pessoais e permeadas pelas experiências dos leitores, a partir de seu repertório cultural.

O autor destaca os prejuízos que esse tipo de abordagem pode trazer para a compreensão do fenômeno da adaptação:

A insistência na fidelidade levou a uma supressão de abordagens potencialmente mais gratificantes para o fenômeno da adaptação. Isso tende a ignorar a ideia de adaptação como um exemplo de convergência entre artes, sendo possivelmente um processo desejável - até mesmo inevitável - numa cultura rica; este processo não leva seriamente em consideração o que pode ser transferido do romance para o filme como algo que exigiria processos mais complexos de adaptação. (MCFARLANE, 1996, p.10, tradução livre)⁶

O oposto da visão de fidelidade é a compreensão da especificidade das artes e, ao mesmo tempo, da possibilidade de sua convergência e interação, propiciada pela adaptação. Desse modo, o conceito de intertextualidade seria uma visão mais enriquecedora para tratar esses processos e substituir a noção de fidelidade: “Em relação

⁶ “The insistence on fidelity has led to a suppression of potentially more rewarding approaches to the phenomenon of adaptation. It tends to ignore the idea of adaptation as an example of convergence among the arts, perhaps a desirable - even inevitable – process in a rich culture; it fails to take into serious account what may be transferred from novel to film as distinct from what will require more complex processes of adaptation

TEIXEIRA, JM.; BELMIRO, CA.

à adaptação, as noções críticas modernas de *intertextualidade* representam uma abordagem mais sofisticada concebendo o romance original como um 'recurso'⁷ (MCFARLANE, 1996, p.10).

Nesse sentido, as considerações de Benjamin (2011) são também relevantes, pois, embora ele se centre na relação entre obras literárias, suas discussões no plano da linguagem trazem conceitos importantes que podem ser aplicados à natureza das linguagens de modo geral.

Segundo o estudioso, o valor da tradução não está em reproduzir fielmente a obra, mas em captar sua essência e assim criar uma nova obra, o que requer habilidade artística do tradutor. Quando se considera que não é relevante ler o livro porque já viu o filme adaptado/traduzido, ou que o filme é ruim porque não é igual ao livro, ou de ler o livro só se o filme for bom, ou de acreditar que a literatura é mais complexa que o cinema, desconsidera-se que a obra fílmica "traduzida" é uma outra linguagem, uma nova criação; o que está em jogo é que as artes podem ter intersecções, mas não oferecem a mesma experiência ao sujeito que delas desfruta. A ideia de "cópia" de uma linguagem da outra, inerente a algumas respostas dos estudantes, limita ao enredo a compreensão de leitura, descartando a apreciação autoral de cada discurso.

A valorização do cinema e da literatura, seja na escola ou fora dela, pelos alunos ou pelos diversos sujeitos sociais, revela-se pela mudança de perspectiva sobre cada arte e sua linguagem, bem como sobre o que pode ser feito com elas. Esse é um trabalho que a escola pode realizar, sem perder as qualidades que fazem de cada produção uma obra de arte.

REFERÊNCIAS

BELMIRO, Célia Abicalil [et al.] (Orgs.). *Onde está a Literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem (1915- 1921)*. São Paulo: Editora 34, 2011. p.101-119.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. *Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁷ "(...) Modern critical notions of *intertextuality* represent a more sophisticated approach, in relation to adaptation, to the idea of the original novel as a 'resource.'"

TEIXEIRA, JM.; BELMIRO, CA.

Lei 13.006. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em 06 de junho de 2015.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MCFARLANE, Brian. *Novel to Film: An Introduction to the Theory of Adaptation*. New York: Oxford University Press, 1996.

MORAN, José M. Os vários usos do cinema e vídeo na escola. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: ECA/Ed. Moderna, n.2, jan/abr. 1995. p. 27-35.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Como citar este artigo (ABNT)

TEIXEIRA,J.M.;BELMIRO,CA. Adaptações cinematográficas e obras literárias sob a ótica dos leitores-espectadores do ensino fundamental II. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (APA)

Teixeira,J.M & Belmiro,C.A (2019). Adaptações cinematográficas e obras literárias sob a ótica dos leitores-espectadores do ensino fundamental II.SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.